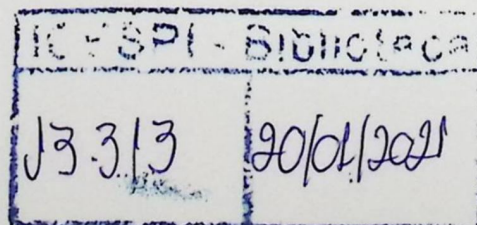


INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

ISMAEL MACIEL ALVES

SEXUALIDADE MODERNA: LIBERDADE OU CONTROLE?

TCC - Filosofia - Trabalho Monografia COP  
cod. 5948  
C 100  
A 474P



TERESINA

2018

ISMAEL MACIEL ALVES

## **SEXUALIDADE MODERNA: LIBERDADE OU CONTROLE?**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Curso de Filosofia, como  
requisito à obtenção do grau de Licenciado  
em Filosofia do Instituto Católico de Estudos  
Superiores do Piauí – ICESPI, na área de  
Ciências Humanas.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Ma. Elisângela Amaral  
Soares Osório

TERESINA

2018



ISMAEL MACIEL ALVES

## **SEXUALIDADE MODERNA: LIBERDADE OU CONTROLE?**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Curso de Filosofia, como  
requisito à obtenção do grau de Licenciado  
em Filosofia do Instituto Católico de Estudos  
Superiores do Piauí – ICESPI, na área de  
Ciências Humanas.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Ma. Elisângela Amaral  
Soares Osório

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório

Orientadora

---

Examinador (a)

---

Examinador (a)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pelo o dom da vida e pelo dom do conhecimento. Agradeço com muita estima minha família, minha mãe (Eliete), pai (Claudio), meus irmãos (Natanael e meu irmão gêmeo Israel), aos meus avós que me criaram e sempre estão ao meu lado (Antônia e Pedro); a eles toda a minha gratidão. Agradeço de todo coração à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos a que pertença, em particular à Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí que me acolheu e me dá o suporte necessário para minha capacitação acadêmica para bem servir ao povo de Deus. Mas não posso esquecer-me dos meus companheiros de turma que desde os primeiros momentos de nossa caminhada estiverem ao meu lado. São eles: Fr. Lucas de Oliveira. Fr. Marcos Vieira e Fr. Francisco Adalberto. A eles meus sinceros agradecimentos.

Existem pessoas que nos ajudam na construção de nossa história e elas marcam nossas vidas, estas mesmas pessoas estão sempre ao nosso lado para nos apoiar e incentivar a nunca desistir da caminhada, são luzes e anjos em meio as tempestades, são muitos os nomes a quem agradecer, mas faltam palavras e folhas para expressar esta gratidão. Eu quero, porém, nomear três pessoas que são de suma importância neste meu processo formativo e acadêmico são Ir. Ivaneide Jardim, Luíza Zacarias da Silva Mendes e José de Ribamar Mendes Chagas. Eu não sei como agradece, mas tenho certeza que Deus no seu infinito amor as recompensará com toda a felicidade do mundo. A vocês o meu muito obrigado.



## RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre a sexualidade moderna na visão de Michel Foucault, nas obras *História da Sexualidade e Microfísica do Poder*. O principal objetivo é mostrar os dispositivos que contribuíram para a construção da sexualidade moderna. Com o estudo realizado percebemos que na transição da antiguidade clássica para o período da industrialização moderna, os dispositivos que controlavam a sexualidade mudaram. Percebe-se que na antiguidade o que controlava a sexualidade eram as questões filosóficas sobre Eros, dos apetites, comportamentos sociais e a ética; na modernidade vê-se que o controle da sexualidade se dá por meio da economia, visto que a partir do momento em que o capitalismo se desenvolve, a força do homem se volta para a produção e para o desenvolvimento econômico. Mas estes dispositivos mudaram novamente na contemporaneidade onde o homem não é só mais um produtor da economia, mas agora ele se tornou sujeito que produz, a economia.

**Palavras – chave:** Sexualidade. Controle. Antiguidade. Modernidade. Foucault

## ABSTRACT

El presente trabajo consiste en una investigación bibliográfica sobre la sexualidad moderna en la visión de Michel Foucault en las obras *Historia de la Sexualidad* y *Microfísica del Poder*. El principal motivo es mostrar los dispositivos que contribuyeron a la construcción de la sexualidad moderna. Con el estudio realizado percibimos que en la transición de la antigüedad clásica hacia el período de la industrialización moderna los dispositivos que controlaban la sexualidad cambiaron. Se percibe que en la antigüedad lo que controlaba la sexualidad eran las cuestiones filosóficas alrededor del Eros, de los apetitos, comportamientos sociales y la ética, en la modernidad es visto que el control de la sexualidad se da por medio de la economía, ya que a partir del momento en que el capitalismo se desarrolla la fuerza del hombre se vuelve hacia la producción y el desarrollo económico. Pero, estos dispositivos cambiaron nuevamente en la contemporaneidad donde el hombre no es sólo otro productor de la economía, pero ahora se ha convertido en objeto que genera la economía.

**Palabras-clave:** Sexualidad. Control. La antigüedad. Modernidad. Foucault



## SUMÁRIO

|                                                          |    |
|----------------------------------------------------------|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....                                       | 8  |
| 2 A BUSCA DA COMPREENSÃO DA MUDANÇA NA SEXUALIDADE ..... | 10 |
| 2.1 O RETORNO A ANTIGUIDADE CLÁSSICA .....               | 13 |
| 3 TRANSIÇÃO DA ANTIGUIDADE PARA A MODERNIDADE .....      | 20 |
| 3.1 OS MODERNOS DISPOSITIVOS DE CONTROLE .....           | 22 |
| 4 A RELAÇÃO ENTRE O PODER E A SEXUALIDADE .....          | 29 |
| CONCLUSÃO .....                                          | 33 |
| REFERÊNCIAS .....                                        | 35 |



## 1 INTRODUÇÃO

Depois de um longo estudo sobre a sexualidade o presente trabalho visa apresentar os resultados obtidos na busca da resolução da seguinte questão: Quais os dispositivos contribuíram para a constituição da sexualidade moderna? Tendo como tema: A sexualidade moderna: liberdade ou controle?. Quer-se compreender como se deu este processo da constituição da sexualidade moderna, investigando se ele foi controlador ou livre, bem como visamos identificar quais dispositivos contribuíram para a construção desta sexualidade e como temos lidado hoje com a sexualidade. Para responder a estas questões recorreremos a Michel Foucault, a partir de suas obras: *História da Sexualidade e Microfísica do Poder*.

Com o estudo queremos apresentar como objetivo a questão do controle da sexualidade na história e como esta questão contribuiu para a constituição da sexualidade na modernidade, tomando como fundamento as reflexões de Michel Foucault.

Michel Foucault analisa a questão da sexualidade a partir de um resgate histórico do problema relação de poder e sexualidade, desde a antiguidade, passando pelos gregos e romanos, pelo cristianismo e chegando aos tempos modernos.

Michel Foucault remeta aos clássicos porque eles foram os primeiros a terem essa curiosidade de refletir sobre a sexualidade no período em que para a sociedade clássica a sexualidade era parte do ser que buscava a felicidade, o amor, e também fazia parte do processo pedagógico, onde o jovem rapaz quando atingia o grau de maturidade intelectual era introduzido na vida sexual, dando a este jovem a visão de uma relação harmoniosa, inteligente e de prazer recíproco, tendo em vista também o respeito, a temperança, a beleza tanto física como intelectual. Para nosso autor a origem do problema está nas relações de poder entre os pequenos grupos, onde vemos que o poder não está só relacionado com as instituições que dominam toda a massa, mas está nas micro relações partindo do âmbito pessoal, privado e comunitário, isto é visto nos textos de Foucault quando ele analisa a sociedade vitoriana, o início da indústria, nas relações da medicina e psiquiatria até as relações da intervenção da pastoral cristã e a relação marido e mulher, pais e filhos.

As obras que nos servirão de ponto de partida de nossa análise serão: *Microfísica do Poder*, obra que utilizaremos para a compreensão das relações de poder, partindo da crítica que Foucault faz à compreensão de que o poder esteve por muito tempo na visão



marxista<sup>1</sup>, principalmente no ocidente, mas que na verdade essa relação de poder está nas nossas mínimas relações, e que toda nossa compreensão de mundo, de obediência, domínio passam pela a força do poder. Outras duas obras que utilizaremos para nossa apreensão da compreensão da sexualidade serão os volumes livros 1 e 2 de *História da sexualidade*, em ambos os textos é notável ver como dá-se a relação de poder e sexualidade nas sociedades gregas, burguesa, médica e a cristã, são práticas totalmente diversas, cada uma delas tem o seu agente que vai expressar sua ação de poder sobre a visão do campo em que estar vivendo, tendo como ponto de partida a ação de impor o controle de sua sociedade. Vamos utilizar também textos que vão esclarecer a compreensão do Eros na antiguidade, como os textos de Plotino sobre o amor, Plutarco, Platão com *O Banquete*, que darão à nossa pesquisa o norte da visão do ocidente sobre o entendimento do Eros. Faço uso dos textos para desses autores percebermos que já existia esta reflexão feita a respeito a relação do Eros na vida dos homens, e como eles lidavam com este sentimento desde a antiguidade.

O objetivo geral da pesquisa é mostrar quais os dispositivos que contribuíram para a construção da sexualidade moderna, visto que na sociedade grega a questão maior para se compreender a sexualidade estava no valor moral e ético. Percebe-se que na sociedade moderna a transição entre gregos e modernos se deu em torno da economia, quando o homem moderno descobre o seu potencial de controle não só mais da vida, mas agora se pode também controlar o mundo com o surgimento da indústria. Os objetivos específicos intentam ver o processo histórico da construção do controle da sexualidade a partir da modernidade econômica, vendo como se dá esta ação do poder com relação ao corpo e como os gregos lidavam com a sexualidade.

A finalidade deste trabalho é perceber que a construção da sociedade moderna que temos em relação à sexualidade vem de um passado que viveu suas relações modificadas a partir da visão do domínio das relações, partindo do controle dos grupos maiores sobre os menores e depois do controle entre os grupos menores, chegando ao individual, sem perceber que tudo isso traria consigo um problema de relação entre sexo, sexualidade e poder para as gerações futuras, transformando esta geração moderna na geração das relações descartáveis.

Este trabalho tem como relevância retomar as origens da reflexão filosófica sobre a sexualidade para revermos como estão as relações de poder na sociedade

---

<sup>1</sup> Comunismo; Materialismo Dialético; Materialismo Histórico; Mais- Valia



moderna com relação à sexualidade moderna, para mostrar à modernidade que a sexualidade está além de um ato de controle ou submissão do poder, mas perpassa pela liberdade de ser um homem e uma mulher, que não se deixam influenciar por uma força econômica, mas pela força da ética e dos valores da reciprocidade.

## 2 A BUSCA DA COMPREENSÃO DA MUDANÇA NA SEXUALIDADE

Nosso autor parte do período vitoriano para pensar a sexualidade, pois o mesmo se considera herdeiro deste período. Em tal período esta questão foi vista como uma espécie de doença, imoralidade, perversão, submissão, controle social e até mesmo pecado. Michel Foucault inicia o seu primeiro volume da *História da Sexualidade* afirmando que a sexualidade era controlada a partir de uma concepção de poder que surgiu na nova sociedade nascente e do início da industrialização, sendo a sexualidade inclusa neste rol. Com o período vitoriano que se deu o processo de controle da sexualidade e é a partir dele que Foucault começa a análise da sexualidade<sup>2</sup>. Ele associa este controle a uma mudança na sociedade. Uma necessidade de controlar a vida.

Mesmo com a pastoral cristã, sendo a primeira em tomar essa questão da sexualidade como moral ou imoral, ela criou um mecanismo de controle e alto conhecimento, tendo como princípio moral a punição, através da confissão do pecado sexual em seus mínimos detalhes, (nada poderia ser escondido, tudo tinha que ser revelado), o penitente tinha que reconhecer sua culpa, pois fora do casamento nem um tipo de relação sexual poderia ser praticado. A Igreja católica tem como pretensão a salvação das almas de seus fiéis, mesmo que seja na intervenção do ato mais importante para a procriação e povoação do mundo, fazendo do que é belo, o mais impuro dos pecados.

Com isso outro sistema que também vê a sexualidade como um distúrbio imoral é a medicina que no seu início ( dos séculos XVI a XVIII) esta ciência(medicina) vai fazer da sexualidade uma doença, vai chamar de distúrbio, o ato mais comum no início da puberdade que é masturbação, comparando como uma doença neurótica, vai dizer que a mulher histérica é doente por conta da sua falta ou excesso de sexo, o homem perverso como imoral.

---

<sup>2</sup> Conjunto dos fenômenos sexuais ligados ao sexo, que se pode observar nos seres vivos.



Com tudo que a sociedade industrial criou em volta do sexo, fez com a sexualidade fosse um objeto de posse de um grupo dominante. Isso deu com o início da pastoral cristã, que sufocou a sexualidade no quarto nupcial e considerando-a um pecado imoral, tendo como extensão o Estado<sup>3</sup>-Governo<sup>4</sup> que também controla a sociedade em todos os seus aspectos, isto vemos nos textos de Michel Foucault como o cristianismo, tendo o poder sobre a morte e o Estado tendo o poder sobre a vida.

O cristianismo tem como chave de fundamentação de sua doutrina, a salvação dos seus fiéis. Com isso o grande desejo do cristão é ser salvo e puro, então para que se tenha uma pureza e obtenha a salvação é preciso estar longe de tudo aquilo que faz o homem e a mulher impuros até mesmo do quer é necessário para sua perpetuação da espécie que é o sexo, tendo em vista que se o sexo for praticado dentro das normas morais do cristianismo ele é válido, porém se for fora da concepção da moral cristã é totalmente pecaminoso e abominável aos olhos de Deus e da sociedade, pois o homem se torna impuro e não obterá a salvação. Já o Estado tem seu controle sobre a vida de seus membros quando ele precisa da força bruta do homem na construção do seu capital.

Com o nascimento da indústria e o fortalecimento do capitalismo o que mais se vai precisar do homem é a sua vitalidade e sua força braçal. A força braçal do homem será o seu potencial maior para a agilidade da demanda de trabalho. Com isso o homem terá que poupar suas energias para que possa ser produtivo em suas atividades e usar sua força sexual em momentos de grande espaço de tempo um do outro, principalmente para aumentar sua família e aumentar a mão de obra.

Isso se vê na nossa própria história familiar, que quanto mais filhos homens uma família tinha, mais força e mão de obra tinha, mais este controle do Estado sobre a vida se dava também nas áreas que estavam avançando nos seus estudos e conhecimentos sobre o homem, tanto no aspecto físico como no mental, com o isso eles iam

---

<sup>3</sup> Em geral, a organização jurídica coercitiva de determinada comunidade. O uso da palavra Estado deve-se a Maquiavel (*O príncipe*, 1513). Podem ser distinguidas três concepções fundamentais: 1ª. a concepção organicista, segundo o qual o Estado é independente dos indivíduos e anterior a eles; 2ª. A concepção atomista ou contratualista, segundo a qual o Estado é criação dos indivíduos. 3ª a concepção formalista, segundo a qual o Estado é uma formação jurídica.

<sup>4</sup> A experiência histórica do mundo moderno e contemporâneo mostrou que a liberdade e o bem-estar dos cidadãos não dependem da forma de G. oferecem aos cidadãos na formação da vontade estatal e da presteza com que eles são capazes de modificar e de retificar suas diretrizes políticas e suas técnicas administrativas. Por esses motivos, na moderna teoria política geral, a distinção ou classificação das formas de G. não tem grande relevância; pode-se dizer que é a mesma de Heródoto, mas que deixou de expressar um problema efetivo da teoria e da prática da política.



controlando a medicina, a psiquiatria e usando do poder para controlar a vida sexual de seu povo.

Observemos que este período histórico da nova sociedade era muito imbuído de um pensamento de controle sobre a vida das pessoas, sem dar oportunidade de expressão mínima da sua sexualidade, visto que não era a sexualidade que estava em jogo, porém a força que mesma tem sobre a sociedade. Michel Foucault afirma que no ocidente fomos calados sobre a sexualidade com a participação de uma catequese cristã, enquanto no restante do mundo a sexualidade é vista em relação com a liberdade.

Vamos ler o que Foucault diz:

Vê-se claramente: a genealogia de todas essas técnicas, com suas mutações, seus deslocamentos, suas continuidades e rupturas, não coincide com a hipótese de uma grande fase repressiva inaugurada durante a época clássica e em vias de encerrar-se, lentamente, no decorrer do século XX. Houve, ao contrário, inventividade perpétua, produção constante de métodos e procedimentos, com dois momentos particularmente fecundos nessa história prolífica: por volta da metade do século XVI, o desenvolvimento dos processos de direção e de exame de consciência; no início do século XIX, o aparecimento das tecnologias médicas do sexo. (FOUCAULT, 2017, p. 130).

No processo de compreensão do desenvolvimento sob a ótica do poder, em relação a quem controla e é controlado, é visível na visão de Foucault que entre as gerações e os mundos, essa relação de poder é muito diferenciada. Em um determinado período, o uso do domínio pelo poder estava nas mãos da Igreja onde se ensinava que quanto mais consciente de seus pecados você estava melhor para o arrependimento e a não perca de sua alma.

Em outra parte da história temos o avanço da medicina que quer controlar a atividade sexual, vendo-a por uma ótica psíquica, neurótica e imoral. Esta transição trouxe uma compreensão totalmente diferente da compreensão dos gregos, referente à sexualidade. Os clássicos tinham a sexualidade como uma prática pedagógica, livre, respeitosa e divina. Na Europa, que avançava no tempo, nas descobertas da medicina, da indústria, da sociedade e dos novos mundos, faziam da sexualidade um ato pecaminoso, doentio e imoral.



## 2.1 O retorno a antiguidade clássica

A intenção de Michel Foucault é entender como essa situação em que se encontra a sexualidade em seu tempo teve origem. Assim, ele recorre à história da sexualidade para compreender este fenômeno. Ele retoma as diferentes abordagens de filósofos gregos e romanos antigos. Ele inicia sua narrativa pela Grécia, afirma: “Na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na formação da pedagogia, pela transmissão corpo a corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações do conhecimento.” (FOUCAULT, 2017, p. 69).

Vejam os como era importante o sexo para os gregos. Ele não tinha nada de imoral, ao contrário era um ato de privilégio, para aquele que era iniciado a vida sexual, pois depois de atingir o grau de reflexão e compreensão do conhecimento, o jovem era introduzido na vida sexual, tendo como seu introdutor seu próprio mestre. A única coisa parecida com o pensamento ocidental é que todo potencial sexual está no homem.

Mas nada se compara à importância que os gregos dão ao sexo<sup>5</sup>. Mesmo sendo divino, mas existem regras que são seguidas à risca pelos gregos no âmbito da prática sexual. Na compreensão deles a vida ativa estava relacionada ao masculino; o homem é sempre o agente ativo da relação. Nesta relação sexual a mulher ficava com o papel de dar prazer, ter filhos, cuidar dos mesmos e zelar pela casa.

Outra visão que eles tinham era em relação à pedagogia, é bem perceptível no diálogo *Banquete* de Platão vemos a discussão sobre a sexualidade, mas não podemos deixar de lado Plotino e Plutarco que bem antes já discutiam sobre a origem do Eros, se ele era um deus ou se estava diretamente ligado ao homem.

Vemos no discurso de Platão, Plotino e Plutarco que existe uma preocupação acerca da natureza e da origem do amor, dentro do contexto se justifica o debate buscando entender se ele era um deus ou um sentimento humano. Percebe-se, que no discurso de *O Banquete*, uma divergência entre as reflexões feitas sobre o amor por parte dos participantes.

Platão diz que o amor é o caminho para o belo, pois conduz o homem a um modo de vida e o faz ter uma consciência mais evoluída. Temos no discurso seis participantes, dentre eles, Agatão que é o anfitrião; que por motivo de ganhar uma competição de poesia convida seus amigos para um banquete em comemoração à sua vitória, dentre eles estão Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Sócrates e

---

<sup>5</sup> As especulações platônicas, porém, não versam propriamente sobre o sexo, mas sim sobre o amor.



Alcebiades. Todos eles antes do início do debate fazem um acordo de não se embriagarem, pois no dia anterior havia bebido muito, assim ficou combinado. O discurso começa por Fedro que diz que o amor é um deus.

Primeiramente, tal como agora dizendo, disse ele que Fedro começou a falar mais ou menos desse ponto “que era um grande deus o Amor, e admirado entre homens e deuses, por muitos outros títulos e sobretudo por sua imagem. Pois o ser entre os deuses o mais antigo é honroso, dizia ele, e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos —... e só depois Terra de largos seios, de tudo assento sempre certo, e Amor...(PLATÃO, 1983, p. 12.)

Vemos também que Plotino faz esse mesmo questionamento, se o amor é um deus ou um gênio, ou uma paixão, pois vemos que o mesmo volta aos conceitos de Platão sobre o amor para poder também saber de onde vem a origem do amor.

A respeito do amor, se é um deus, ou um gênio, ou uma paixão da alma, ou se existe um que é um deus ou um gênio, e um outro que é também uma paixão, e ainda qual é a natureza de cada um deles, convém examinar as concepções propostas pelos demais homens e quantas se originaram na filosofia a respeito disso e, sobretudo, quando o divino Platão concebeu, ele escreveu muitas coisas de diferentes formas sobre o amor dentre os seus diálogos; realmente, ele não somente versou sobre que o amor é uma paixão que se originou nas almas, mas também afirmou que ele era um gênio e discorreu sobre o seu nascimento, como e onde é que se originou.(PLOTINO, 2015, p.23-25)

Observamos aqui, que há uma relação entre o pensamento de Plotino e de Platão, pois ambos estão preocupados também com o surgimento do Eros. No banquete Fedro diz que o Eros é o mais antigo dos deuses e o mais respeitado, pois nasceu da terra. Neste contexto podemos inserir a discussão sobre a paixão, pois os homens tomados pelo amor procuram o que é belo, e tentam ser prudentes nas suas ações, para não praticarem o que não é belo.

No diálogo entre Agatão e Sócrates, Agatão diz que o amor é belo; o amor busca somente o que é belo; “o semelhante ao semelhante busca” (PLATÃO, 1983, p.27) e o amor é a identificação com o amado.

Pausânias diz que o amor entre os jovens é um amor corporal, pois o jovem não tem experiência suficiente para compreender o amor e acabam ficando só no corpo; o amor entre um homem e uma mulher ambos idosos também não é um amor verdadeiro,



pois ambos já tem experiência suficientes para a compreensão do amor e não precisam um do outro para transmitir ou receber o amor; já o amor entre um homem e uma mulher é inferior, não tem um sentido, uma razão; já o amor entre um jovem e um homem idoso esse sim é o amor verdadeiro e intelectual, este é o amor belo, pois o jovem necessita aprender e o velho necessita ensinar, eis aí a união perfeita, este amor tem alicerce e consistência.

No mesmo contexto também vemos o pensamento de Plutarco sobre o Eros. Ele vê o Eros como uma divindade e como recém casado vai ao templo junto com sua esposa fazer oferendas ao deus Eros para pedir proteção para seu casamento. No decorrer do diálogo aparece um episódio cômico: o jovem Baco, cheio de beleza e virtuoso torna-se alvo de paixão para uma viúva velha; isto não é aceito pela comunidade, mesmo ela sendo cheia de virtudes, honesta, de boa índole e rica, não é aceitável que a mulher seja superior ao marido, mesmo ele sendo jovem; como a comunidade não aceita ela o sequestra.

A pederastia entre meninos e homens é uma questão vista por Plutarco como vazio, igual a alguém que se embriaga sem vinho e Foucault vai dizer:

Mas a análise de Plutarco vai mais longe, procurando definir o que falta ao amor pelos rapazes e que o impede de ser, como o amor conjugal, uma composição harmoniosa de Eros e de Afrodite, onde o vínculo entre as almas está associado ao prazer físico. Plutarco designa essa falta com uma palavra: “o amor pelos rapazes é *acharistos*<sup>6</sup>. (FOUCAULT, 2017, p.258)

Plutarco também quebra esse preconceito do amor por mulheres, pois seus companheiros vêm que o amor por mulheres é inferior e algo imposto pela natureza para a conservação da espécie.

Visto que nesta sociedade em que o pensamento filosófico, político, econômico e social começa a ser discutido na ágora, na praça e nas conversas entre os cidadãos que fazem parte da *pólis*.

A grande questão também surge sobre a temática da sexualidade, pois os gregos não viam como um problema imoral ou um pecado como os medievais pensavam, mas a grande questão que se dava entre os gregos era a respeito da liberdade, temperança e limites que dados, à prática sexual.

A antiguidade clássica era uma época em que a sociedade que não cultivava o preconceito nem a discriminação homossexual, mas uma sociedade que visava o bem

---

<sup>6</sup> Sem a graça



comum a partir dos cumprimentos das regras imposta, para o bem viver de todos; veremos quando Michel Foucault faz análise desta sociedade, vendo que a grande questão da discussão dos gregos está em torno da “temperança”. Outra análise feita por Foucault está relacionada à “aphrodisia” que é a obra de amor concedidas por Afrodite à deusa do amor aos homens. Foucault vai dizer:

De forma geral, a atividade sexual é percebida como natural (natural e indispensável) posto que é por meio dela que os vivos podem se reproduzir, que a espécie em seu conjunto escapa à morte e que as cidades, as famílias, os nomes e os cultos podem se prolongar muito além dos indivíduos destinados a desaparecer. É entre os desejos mais naturais e necessários que Platão classifica aqueles que nos levam aos aphrodisia e os prazeres que estes nos proporcionam têm como causa, no dizer de Aristóteles, coisas necessárias que interessam ao corpo e à vida do corpo em geral. (FOUCAULT, 1984, p.46)

A dimensão dos desejos era vista pelos gregos como uma parte integrante do indivíduo, subordinada à razão, de modo que podia e devia ser educado. Tal educação deveria ser realizada pelo cultivo das virtudes.

Para Aristóteles o homem virtuoso é aquele que procura a harmonia dos seus sentimentos, sendo prudente, honesto, justo, fiel, inteligente e corajoso. Com isso, no desenrolar do seu texto, Michel Foucault faz uma análise das virtudes do homem grego, que não se deixa dominar por uma prática de prazer desregrado, mas que usa da sua liberdade enquanto homem que conhece a verdade.

O homem virtuoso faz o uso dos prazeres dentro do limite da temperança, sendo livre no domínio de si, mantendo controle em sua atividade viril em relação a si e aos outros. Nesta mesma visão de liberdade -poder Aristóteles afirma que: “dominar os seus próprios prazeres e submetê-los ao *lógos* formam uma única e a mesma coisa: o temperante, diz Aristóteles, só deseja o que a justa razão (*orthoslógos*) prescreve.” (FOUCAULT, 1984, p.78).

Vemos que a temperança sexual é um exercício da liberdade onde o outro não vai abusar do seu poder viril, respeitando assim o seu limite e o limite do outro, vendo que o “[...] valor moral que é um valor estético, e valor de verdade” (FOUCAULT, 1984, p.85) fazem com que o homem manifeste as suas necessidades dentro dos limites, respeitando a vontade do outro sem esquecer que o valor da verdade que está no seu controle onde o homem busca a satisfação do seu desejo dentro de suas necessidades, respeitando a sua hierarquia na sociedade para poder manter em sua conduta a forma que assegura o renome e mereça a memória.



Outro aspecto que Foucault analisa nos gregos é a arte da medicina desenvolvida por eles, com a medicina nascente, sem muitos recursos tecnológicos e estudos mais aprofundados para analisar a reação do gozo no homem. Eles falam de uma alimentação saudável, antes os seus ancestrais comiam como os animais, mas depois de um tempo corrigiram sua forma de alimentação.

Os gregos viam o ato sexual como sagrado, bom e sendo feito dentro do equilíbrio, do respeito, harmonia como sagrado. Eles se preocupavam filosoficamente também a respeito de sua ação na vida do homem, tanto como um ato de gerar a vida, como de gerar a morte; eles vão considerar o momento da ejaculação como um ato violento, pois ao mesmo tempo em que ele, o homem, ejacula para dar a vida, ele também gera ao mesmo tempo no gasto de suas energias a aceitação da morte.

É atribuída a Hipócrates, o pai da medicina, a afirmação de que o gozo sexual teria a forma de uma pequena epilepsia, eles tinham a concepção de que só o homem produzia o esperma, pois o esperma era a espuma do sangue produzido pela agitação do corpo do homem no momento da ejaculação.

Vamos entender melhor esta relação do gozo entre a vida e a morte, o gozo era visto como: “era uma gota de cérebro que contém em si um vapor quente” (FOUCAULT, 1984, p.118), que filosoficamente em suas reflexões o sêmen transmitia a vida e dava início a outro ser.

Outra relação de poder que vamos perceber na análise de Foucault é no matrimônio dos gregos. Nesta sociedade o casamento tem um status muito relevante no âmbito social, político e econômico, pois o homem grego casado é visto como virtuoso, livre e prudente. O homem casado tem em primeiro lugar o dever de ser fiel à sua esposa, principalmente na relação sexual, sendo essa única e legítima.

Outra função ao status de casado para o homem era ser chefe de família, exercer o poder sobre sua mulher, filhos e casa para manter sua reputação do cidadão. A mulher em hipótese alguma pode ter outro parceiro a não ser seu marido para que a mesma não perca seu status de esposa.

A estrutura familiar é muito importante para a manutenção da vida pública. As relações domésticas não estão separadas da política, “[...] arte doméstica é da mesma natureza que a arte política ou a arte militar....” (FOUCAULT, 1984, p.138). A mulher é vista como participante na arte de governar com o marido que mantém o controle da casa, filhos saudáveis e o bem estar na relação de marido e mulher.



Os gregos atribuem aos deuses as qualidades diferentes para cada sexo, sendo o homem mais forte, resistente, bravo e a mulher mais calma, precisa, e dedicada aos cuidados interiores. Outro ponto relevante é o domínio de si, em que é concedido aos dois que, ao longo do tempo, vão mostrando quem é o mais virtuoso no uso do domínio de si.

Novamente Michel Foucault retoma à virtude da temperança, pois para os gregos é a virtude que equilibra a parte apetitiva da alma humana, assim age sobre o comportamento sexual entre homens e mulheres gregos. Com isso vemos como se dá o limite entre a relação e o considerável elo entre o poder que é exercido por direito do homem sobre sua casa, mulher e filhos. A temperança era uma virtude exigida para os dois, mas a forma como cada um dos sexos lidava com ela era diferente, pois a mulher a exercia na submissão, enquanto o homem a exercia numa ética de dominação.

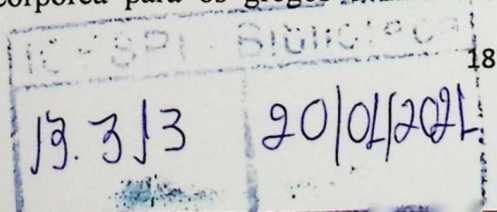
Outra situação analisada por Foucault e que explicita a relação entre a moralidade e a erótica grega, é a relação sexual entre rapazes. Isto nos será de suma importância para podermos entender como os gregos viam as relações que hoje na sociedade contemporânea chamamos de homossexualidade (aqui no texto trata-se mais de bissexualidade).

É a partir desta leitura que vamos ter arcabouço para compreender como se dá na atualidade, o controle das expressões sexuais tidas como imorais. Vimos que no elo entre poder, casamento, economia, marido, mulher e sexo, a temperança era a virtude que controlava os impulsos do homem, agora veremos como ela se manifesta na erótica e no amor.

Para os gregos não existiam dois amores. Não havia diferença entre amar um homem ou uma mulher e isso não era tratado por eles como uma anomalia, mas o homem teria que controlar a ação do Eros em seu ser para que não se tornasse um devasso, tratando o amor como supérfluo. Há aqui uma conexão entre este amor pelos rapazes e pelas mulheres. Não existia distinção entre eles, pois “[...] reconheciam nela duas espécies de “desejo”, duas “pulsões” [...] compartilhando o coração dos homens ou seus apetites.” (FOUCAULT, 1984, p.168).

O que os faziam desejar um homem ou uma mulher era o seu apetite, este era um impulso que a natureza tinha implantado em seu coração por aqueles que são “belos”, tal beleza podia ser encontrada em qualquer dos sexos.

A beleza era um dos requisitos que contava muito na hora da escolha do relacionamento com um jovem, pois a beleza corpórea para os gregos é uma das





responsáveis na escolha do seu parceiro e a responsável em ativar o apetite sexual. E o mais interessante de tudo é que em todo o texto vemos que para os gregos não existiam duas formas de amar ou de apetite esse desejo era recíproco tanto para o homem como para a mulher.

Ora, parece que as coisas foram bem diferentes entre os gregos: eles pensavam que o mesmo desejo se dirigia a tudo o que era desejável – rapaz e moça- com a reserva de que era mais nobre o apetite que se inclinava ao que é mais belo e mais honrado (FOUCAULT, 1984, p.171).

Mas não se aceitavam meninos pervertidos, afeminados e devassos. Na relação entre os rapazes existia um limite de idade entre eles. Não era aceitável que um casal fosse constituído de dois jovens ou dois homens maduros, mas um jovem e um homem mais amadurecidos.

Observa-se aqui, que essa relação se dá a partir do pensamento socrático. Sócrates vai remeter esta relação à pedagogia em que o jovem é inserido no final do curso a um status intelectual e tido como participante da sociedade. Outro ponto importante é o espaço onde se dá o ato da relação: a casa fica reservada à esposa e os locais de encontro com o jovem eram sempre os locais das reuniões ou o ginásio. É importante considerar que havia um tempo certo para que o jovem fosse introduzido na vida amorosa com o outro parceiro do mesmo sexo.

Os gregos davam muita importância ao corpo, isto vemos em suas estátuas a valorização do corpo belo, tal beleza era representada sempre em sua forma madura, no corpo belo do ancião: “Mas na moral sexual é o corpo juvenil com seu encanto próprio que é regulamente proposto como o “ bom objeto” de prazer.”(FOUCAULT, 1984, p.177)

Isto está em sintonia com o desejo pelo masculino e não pelo afeminado. Para os gregos o Eros tem o mesmo sentido para os dois sexos: “o Eros pode unir seres humanos qualquer que seja o seu sexo”. (FOUCAULT, 1984, p.178). É notável que todo esse desejo pelos rapazes, esteja ligado a uma boa conduta, mesmo obedecendo a regras para que a relação seja legítima e dentro da moral.

Este jovem que é desejado e o homem mais velho que o deseja devem ser temperantes, pois mesmo que sejam uma relação consentida de ambas as partes, ela não deve fugir aos padrões da moralidade, mesmo sendo uma honra para o jovem grego ser desejado e que tenha muitos pretendentes.



Esse gosto dos gregos pelos rapazes os leva à prática da pederastia, prática de introdução do jovem por alguém com mais idade e experiência na vida sexual, ambos no ambiente do ensino pedagogia discutiam os temas que se imbuíam de uma necessidade da reflexão filosófica e quando este jovem atingia a maturidade intelectual o mesmo era de modo temperante introduzido na vida ativa da sexualidade e daí surgem as reflexões sobre esse amor pelos rapazes.

No segundo volume de *História da Sexualidade* Foucault discute a questão da verdade sobre o amor; a reflexão feita neste livro não é apenas meramente sobre o uso do poder no uso dos prazeres, mesmo que o domínio e poder tenham sido conceitos centrais na discussão.

Michel Foucault chega à conclusão de que os gregos tinham essa relação de amor pelos rapazes não por conta do ato sexual, ou do desejo pelo corpo do belo rapaz. O desejo se dava por causa da beleza espiritual que existia no processo místico das relações, não se desassociava o desejo pelo corpo belo e o desejo pela alma do jovem. O amor verdadeiro estava na alma daquele que ama e este amor tinha de ser um sentimento recíproco no relacionamento.

Por isso que se falou tanto em temperança, este sentimento era o que levava os amantes ao equilíbrio e a alcançar a verdade do amor. Com esse exercício da temperança o homem grego chega a um ascetismo que o leva a uma verdadeira valorização do seu amor pelos rapazes, não os excluindo, mas levando a um alto valor espiritual.

Portanto nosso estudo feito a partir dos antigos quer mostrar que a reflexão feita pelos gregos sobre a sexualidade (Eros) estava pautada na discussão ética, onde o Eros era o controle dos apetites e não a economia como veremos na sociedade moderna.

### 3 TRANSIÇÃO DA ANTIGUIDADE PARA A MODERNIDADE

É interessante perceber como Michel Foucault se apresenta como um vitoriano<sup>7</sup> mesmo vivendo um século após este período. Ele sente que trazemos marcas

---

<sup>7</sup>A Era Vitoriana foi o período no qual a Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901. Ela subiu ao trono quando seu tio Guilherme VI morreu sem deixar herdeiros. Ela é coroada ainda muito jovem, aos 18 anos. A sociedade vitoriana era bastante moralista e muito pródiga em seus conceitos e preconceitos, incitando uma série de valores bastante severos sobre a formação cultural, moral e sobre tudo ideológica da época. Os homens dominavam o espaço público de uma maneira muito explícita, restante às mulheres o lugar de submissão restrito a esfera privada, íntima – o ambiente dos lares, das residências, e, dentro da própria geografia das casas, o quarto, a cozinha e o banheiro.



de uma condição histórica gestada nesse período. Por esta razão Michel Foucault faz um resgate da história desde o século XVII até o XIX, tempo em que a sociedade viveu um período forte de controle da sexualidade. Segundo este filósofo, nesse período houve por meio dos poderes políticos, econômicos, religiosos e sociais a tentativa de controlar a natalidade para que esta não atrapalhasse o surgimento da indústria, também para garantir que não faltasse mão de obra e para que pudessem controlar o crescimento da sociedade.

Para Michel Foucault, neste período em que a burguesia vitoriana reinava, a sexualidade deixou de ser uma expressão livre do ser e passou a ser normatizada, com regras a serem seguidas. Deixou de ser uma prática livre e se tornou própria do ambiente privado de dentro de casa e dos quartos nupciais.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. (FOUCAULT, 2017, p.7)

Neste mesmo período, o capitalismo começa a ganhar forças, a burguesia se utiliza do seu poder para controlar em forma de puritanismo<sup>8</sup> a sexualidade da sociedade que começa a crescer com a migração das pessoas do campo para a cidade, daí se transfere essa temática somente para o quarto do casal e ninguém mais fala abertamente sobre este assunto.

Michel Foucault quer mostrar que o poder e a sexualidade são duas forças que podem dominar o homem. A sexualidade tem grande poder sobre a sociedade. Vemos que há uma ligação entre, poder, saber e sexualidade.

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do poder ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. (FOUCAULT, 2017, p.9)

---

<sup>8</sup>Puritano: Que é ou se diz muito rigoroso na aplicação de princípios morais.



Podemos observar por meio das palavras de Michel Foucault que esse controle do sexo tem uma caminhada histórica em três grandes séculos; tendo o século XVII como o precursor dessa idade do controle, sendo que nos séculos anteriores essa temática da sexualidade era uma expressão mais livre do cidadão. Mas com o desenvolvimento do capitalismo, a sociedade burguesa começa um novo ordenamento do comportamento sexual de toda a sociedade. A sexualidade neste período está muito ligada ao poder, por isso quem empregava essa linguagem do sexo coloca-se como transgressor: médicos, psiquiatras e pedagogos, deveriam pedir desculpas a seus leitores por falar deste assunto: o sexo.

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjugar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. (FOUCAULT, 2017, p.11)

Outra questão que Foucault levanta em seu estudo é sobre por muito tempo na história se teve o sexo como pecado? Ou por que no passado fizemos do sexo um pecado? São questões que levam sempre ao verbo “poder”.

### 3.1 Os modernos dispositivos de controle

No período vitoriano as autoridades e as leis tinham que ser respeitadas e obedecidas para que não houvesse um descontrole moral, ético e religioso da sociedade. Até aqui é perceptível que essa repressão está intrinsecamente ligada ao poder burguês. Ela está expressa na lei e no controle puritano do pudor. Uma nova sociedade nascente do capitalismo quer reprimir a força genital do ser humano, para canalizar essa força da sexualidade para outra força nascente que é o capitalismo emergente, pois este necessitava da maior atenção dos seus cidadãos.

Para Foucault o grande agente dessa repressão era o poder burguês, o surgimento da economia, da sociedade burguesa e do capitalismo. Uma das críticas que ele tece à sociedade moderna é o regime de poder-saber-prazer, pois o ponto essencial não está no que dizer sobre o sexo, negar ou permitir, afirmar sua importância ou não permitir seus efeitos, mas a questão é: onde falar, com quem falar, quem pôde falar, e por qual ponto de vista esta discussão é aceita e livre?.



Dáí entra a “colocação do sexo em discurso”, para se chegar ao ponto importante para se saber falar dele, de qual forma, através de quais canais, com discurso que flui para se chegar a um discurso com mais clareza e mais individual para atingir as condutas.

Nosso autor afirma que no século XVII houve uma redução do uso da palavra “sexo”, para melhor controlar a sua circulação em ambientes não apropriados para se tratar deste assunto, um tipo de “[...] mutismos que, de tanto calar-se, impõem o silêncio. Censura.” (FOUCAULT, 2017, p.19). Ele afirma também ocorreu uma definição de onde e com quem se deveria falar sobre este assunto, por exemplo, entre pais e filhos, educadores e alunos, patrões e serviçais, aqui houve toda uma rigorosa restrição deste assunto.

Foucault chama a atenção para o fato de que o controle da sexualidade ocorreu por meio de diferentes vertentes. No âmbito religioso, houve a participação do cristianismo, a Igreja por meio da atividade pastoral e do sacramento da confissão incita seus fiéis a confessarem seus pecados referentes à sexualidade com todos os detalhes, nada pode deixar de ser relatado, tudo deveria ser confessado em seus detalhes

[...] acreditaram ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer – todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução. (FOUCAULT, 2017, p.21)

De acordo com esse novo modelo pastoral o sexo deveria ser mencionado sem prudência nas confissões, pois ele era visto como sinônimo de pecado, levaria o homem a uma impureza que o condenaria e nada deveria ser ocultado.

Tudo tinha que ser revelado na confissão ou na direção espiritual: pensamentos, desejos, toques, devaneios, palavras, ações. Mas de acordo com Foucault, essa catequese feita dentro do catolicismo deu subsídios para um diálogo mais compreensível sobre o pensamento da sexualidade humana.

Com isso, já vai se formando a história da sexualidade moderna, apesar de que a pastoral cristã tivesse o seu interesse de levar o ser humano a um encontro de conversão, de proximidade a Deus e de purificação. Vemos que a partir do “século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo.” (FOUCAULT, 2017, p.26), tornando a sexualidade uma questão política, compreendendo que com o surgimento da sociedade vem toda uma gama de fatores sociais como: economia, mão de obra e outras coisas.



Então daí entra a questão do controle do crescimento da população. Com isso o Estado olhar para o comportamento sexual de sua população, tento em vista não uma repressão mais um controle da natalidade, idade do casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos.

Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa pública; todas umas teias de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram. (FOUCAULT, 2017, p.30)

O autor também aborda a sexualidade das crianças e dos jovens. Michel Foucault afirma que por um longo período da história entendia-se que as crianças e os jovens não precisavam saber nada a respeito da sexualidade e muito menos saber que ela existia. No entanto houve uma preocupação referente à sexualidade dos adolescentes a partir século XVIII, principalmente no ambiente escolar.

Nesse aspecto, a medicina foi fundamental como orientadora dos pais e pedagogos na educação sexual dos adolescentes, criam-se livros para instruir, e uma escola foi criada para a introdução à sexualidade para estes jovens. “A partir do século XVIII O sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.” (FOUCAULT, 2017.p.33)

Percebemos que até aqui Michel Foucault quis apresentar o quanto a sexualidade foi controlada e como esse domínio perdura até hoje. Vejamos:

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na moral, na crítica política. E ainda mais: É preciso não esquecer que a pastoral cristão, fazendo do sexo aquilo que, por excelência, devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante: não o que se mostra obstinadamente, mas o que se esconde em toda parte, presente insidiosa que se corre o risco de ouvir porque fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada. (FOUCAULT, 2017, p.37-39)

Aqui, uso as palavras do autor, quando afirma: “O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o



terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo.” (FOUCAULT, 2017, p.39)

Para Foucault a repressão no discurso sobre sexualidade identificada na modernidade não está relacionada ao poder de dominação, mas a uma repressão, um medo infantil de falar daquilo que faz parte do ser humano, que ser controlada pela força própria do ser que a sente, e não dever ser algo que o poder externo deve controlar, apesar de que a sexualidade está mais ligada à vontade própria do que a vontade do poder econômico e social que os poderes políticos querem controlar para poderem manipular a consciência da sociedade.

Michel Foucault vai dizer que os séculos XIX e XX formam o século da perversão da sexualidade, pois neste período foi à idade da multiplicação de uma dispersão de sexualidade, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”; também até ao final do século XVIII os três grandes códigos explícitos que regiam as práticas sexuais: o direto canônico, a pastoral cristã e a lei penal.

É visto também quem entra neste rol de pecados romperem as leis dos casamentos, adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, entram também neste julgamento os homossexuais. Vê-se que no ocidente se utilizou para reger o sexo: a lei da aliança e a ordem dos desejos. Também que a medicina e o poder judicial entram como poderes que atuam na relação sexual dos indivíduos, ensinando o que lícito ou ilícito, o que é moral ou imoral. Todos estes dispositivos também interferem na forma como é entendida essa sexualidade, o que é normal e aceitável pela sociedade é o casal hétero (homem /mulher), pois é o casal que pode procriar e aumentar a sociedade; daí percebe-se que há um mecanismo de dupla incitação: prazer e poder.

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. (FOUCAULT, 2017, p.50)

Michel Foucault diz que assim como na sociedade burguesa, na sociedade do século XX ainda é de perversão explosiva e fragmentada; não porque seja hipócrita, mais se trata de o tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo. Ele torna a repetir a sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente. Ele termina confirmando que o crescimento da perversão da sexualidade da modernidade relaciona-se ao poder que é imposto sobre os



corpos e seus prazeres. Pode ser entendida também essa perversão como uma forma do poder que controlar economicamente a sociedade.

Sobre a *Scientia sexualis* percebe-se que Foucault faz uma crítica à sociedade que escondeu todo um conhecimento que foi construído pela sociedade sobre a sexualidade, que esse conhecimento foi construído com a catequese católica dos confessionários e que a ciência, por causa da repressão do regime vitoriano, se omitiu de falar desta temática por muitos séculos onde os médicos e psicólogos se sujeitavam a se desculpar por qualquer fala que levasse a esta temática.

Queria-se muito diminuí-la ou até mesmo colocá-la à margem, onde ela não fosse falada ou lembrada. É interessante perceber que Michel Foucault faz essa diferença entre sexo e sexualidade: sexo é a procura da verdade e a sexualidade é o objeto pelo qual se exerce o poder.

Vemos que esta relação que ele faz do sexo com o poder é uma crítica ferrenha à sociedade que se utiliza do seu poder para controlar a comunidade sem se deixar ser incomodada pelas reivindicações. Daí vemos os movimentos dos pervertidos como são chamados pelos médicos e psiquiatras, eles são uma forma de quebrar esse protocolo de repressão imposto pelos que estão à frente da sociedade.

Percebemos também que, quando Foucault tratou da ciência sexual, o seu grande protagonista foi à pastoral cristã com seu método mais conhecido, que foi a confissão.

A confissão é entendida como uma libertação da fala livre sobre a sexualidade, mas com um tom de poder, pois ao mesmo tempo, a pastoral cristã denominou a sexualidade como um pecado da carne, esse desejo é reconhecido pela igreja como carnal, é do humano, mas para não ser banalizado ou mais pervertido como era compreendida pelo poder governamental foi atribuída ao pecado, então qualquer ato, gesto, pensamento e atitude que levassem ao âmbito sexual deveriam ser confessados e excluídos da vida.

Esse pensamento cristão tem consequências no Ocidente, na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas.

Vemos que Michel Foucault vai dizer que “A confissão libera, o poder reduz o silêncio”. A prática da confissão não é vista por Foucault com um peso tão negativo, mesmo que a confissão seja um ato livre do penitente, pois esta prática da confissão deve ter um caráter de liberdade, mais por trás dela tem um poder que quer assim, podendo dizer, cuidar da vida de seus fiéis, tendo em vista que este sentindo se diferencia dos gregos, pois para ele esta ação estava mais relacionador à prática da



pedagogia onde o rapaz era introduzido depois de um tempo de maturação na vida sexual.

Vamos conferir nas palavras de Michel Foucault:

*A scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. (FOUCAULT, 2017, p.76).

Vemos que esse método de escuta vai também para os ambientes que precisam ouvir como cada ser reage à sexualidade em seu ser “[...] emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria.” (FOUCAULT, 2017, p.76). Outro elemento que Foucault analisa é arte erótica que é bem diferenciada da ciência sexual, mesmo sendo condenável pela moral cristã.

Nas entrelinhas do texto de nosso autor ele fala de um poder de morte iniciado pela igreja e que hoje através das micro-relações, onde o governo entra com o seu poder nas relações, na vida sexual da sociedade, na taxa de natalidade, no controle da força de trabalho e até tendo direto sobre a vida e a morte da sociedade. Isso faz com esse poder que levas as pessoas não a serem livres, mas as levas a aprisionarem-se a um sentimento de morte. Isso se dá por conta de um poder que quer controlar o corpo das pessoas por motivos econômicos, sociais, de saúde e de alimentação.

A medicina preocupa-se por essa temática da sexualidade, pois vai querer controlar a natividade, as doenças, a higiene íntima e principalmente a sexualidade das crianças e adolescente.

As reflexões feitas por Michel Foucault saíram do âmbito de como os antigos viam o sexo, como vimos acima e agora passa para a visão de uma sexualidade pautada no âmbito do poder.

Antes a visão da sexualidade estava pautada na morte, quando a Igreja dominava o controle do pensamento de seus fiéis os advertidos sobre as práticas que o levavam a condenação e à perda de suas almas, mas agora se pauta na relação vida e poder sobre os corpos.

Tudo vai passar de uma falsa repressão que Foucault vai dizer: “Foi, um dia, capturado por certo mecanismo, bastante feérico a ponto de se tornar invisível.” (FOUCAULT, 2017.p.85). Podemos compreender este mecanismo como repressão que na verdade Foucault diz que não temos uma repressão da sexualidade, mas é na verdade



um controle que o poder econômico, poder industrial, poder da sociedade nascente quer impor sobre as pessoas, pois com o surgimento do capitalismo a cidade incha-se com a migração das pessoas. Assim, torna-se necessário que o poder político intervenha na vida das pessoas.

Para Michel Foucault o ponto primordial para essa intervenção na vida das pessoas é através da sexualidade, tendo a pastoral cristão como primaz na prática do controle sexual, tendo em vista a salvação e o controle da atividade sexual de seus fiéis, sendo a mesma que leva a sexualidade para o lado do mal tornado isso um objeto de pecado, então será preciso que o penitente faça um exame de consciência para se purificar e a penitência servirá de controle para que não volte a cometer o mesmo pecado. Esta prática da confissão vai se tornar para a medicina e a psiquiatria meio de facilidade para o diálogo sobre a vida sexual das pessoas em seus consultórios.

Irá surgir neste meio os que serão excluídos da sociedade e chamados de pervertidos, serão uma quebra dos paradigmas em suas formas de protesto contra esta repressão que quer controlar a liberdade sexual. Com isso chegar um jogo de controle das características das fazes da sexualidade, assim podemos chamar para dar a cada um o privilégio de saber:

Na preocupação com o sexo, que aumenta ao longo de todo o século XIX, quatro figuras se esboçam como objetos de privilégios de saber, alvos e pontos de fixação dos empreendimentos do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso, cada uma correlativa de uma dessas estratégias que, de formas diversas, percorreram e utilizaram o sexo das crianças, das mulheres e dos homens. (FOUCAULT, 2017. p.85)

Tudo isso que Foucault fala referente à sexualidade reprimida é uma forma de crítica a essa pressão ao sexo, vejamos em suas palavras:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não é realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 2017, p.115).

Outro mecanismo de poder muito forte é o dispositivo de aliança que tem muito a ver com o “[...] sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão de nomes e dos bens.” (FOUCAULT, 2017, p.115). Mas é um mecanismo



que é diferenciado referente às classes sociais, os nobres não se preocupavam com a moral cristã, pois precisavam manter seu poder e sua riqueza, enquanto a classe simples era submetida a regras, pois os burgueses precisavam controlar a sociedade em todos os seus âmbitos.

Vê-se com esse estudo que na verdade foi um controle imposto pelos feudais que queriam na verdade ter poder sobre a vida da sociedade em todo o seu aspecto: social, econômico, político, religioso e sexual, isso tudo foi fruto de uma dominação que veio dos romanos que tinham um poder sobre a vida dos filhos e dos escravos.

Com a sociedade vindoura que conseguiu evoluir com a indústria, e a nova forma de governar não mais sendo a burguesia com o principado, mas agora com o proletariado e a conquista da nova sociedade capitalista que quer dominar o que se tem de mais inovador que é a máquina, se quer estender à pessoa humana este mesmo controle para que o bem comum possa prevalecer na sociedade nascente.

Daí vem essa compreensão de poder e sexo como uma dominação com regras que eram impostas por aqueles que tinham o poder nas mãos para controlar a sociedade, que cresce agora em torno da economia, da indústria e do capitalismo, fazendo com que os homens não sendo livres, sejam submissos ao trabalho, sugando suas forças na construção de uma sociedade pautada na gestação da economia nascente.

Por tanto na discussão agora na modernidade é confirmado que a centralidade da construção da sexualidade passa pela transição da reflexão filosófica para o contexto de modernização do sistema econômico, tendo como novidade a indústria e o aceleração do capital. Veremos que a sexualidade passou pela mudança do pensamento filosófico e ético para o controle da indústria com o desenvolvimento da economia como centro de sobrevivência da comunidade e chegou ao ponto de tecnizar o corpo como instrumento de produto comercial.

#### **4 A RELAÇÃO ENTRE O PODER E A SEXUALIDADE**

O processo de transformação da sexualidade do indivíduo passar por uma relação de poder que atinge seu meio social produzindo uma relação de subordinado e submisso. Vejamos o que ele diz:

Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo- e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e



por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (FOUCAULT, 1984, p.XII)

Com isto é notável perceber que o processo de controle da vida do ser humano não é visto por Foucault só na esfera do estado, mais este poder passa pelas pequenas relações, pelos pequenos grupos como família, medicina, crenças etc.

O poder tem o corpo como alvo não para oprimi-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo. Nesta relação de poder com o corpo nosso autor francês vai especificar esta ação como disciplinar, faz-se do corpo uma técnica "Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder..." (FOUCAULT, 1984, P. XVII) é uma relação de manipulação, faz da massa trabalhadora uma massa disciplinada conforme o sistema capitalista e econômico.

Isto se dá também quando este poder consegue fazer com que o indivíduo seja disciplinado ao capitalismo, levando-o a uma disciplina individualista própria de seu tempo, com o objetivo de produzir com rapidez e eficácia, fazendo do seu corpo objeto manipulado.

Percebemos que nesta relação de poder ele não tem uma hierarquia fixa, mas é um processo construtivo, cada século formulou seus dispositivos de controle do poder com o olhar sempre voltado à história e às formas de controle que conhecemos e vivenciamos na modernidade, não surgiram mediante uma relação reflexiva entre a sexualidade e a ética como era visto pelos gregos, mas surgiram muito mais por influência de mudanças histórico-econômicas.

Na modernidade o motor desta transformação na sexualidade foi o processo de industrialização. Sua maior motivação era econômica, segundo Michel Foucault, sua intenção era a dominação do corpo tornando objeto do capitalismo sem a necessidade de repressão, fazendo com que a massa fosse manipulada e não reprimida para o melhor controle da ação do capitalismo na vida do mesmo.

É interessante perceber o quanto a relação de poder está em todas as nossas relações. Foucault vai fazer sua crítica ao marxismo dizendo que a ação do poder já não está mais nas grandes repartições como Estado, medicina, psiquiatria, mas elas também estão em nossas mínimas relações. Como no período industrial e burguês o controle do

---

<sup>9</sup> À ideia de Poder como "superestrutura" Foucault opõe a ideia do caráter "originário" dele (do qual tudo depende, inclusive a economia); à formulação "macrofísica", destinado a situar o poder nas grandes relações de força encarnadas pelas classes e pelo Estado, Foucault contrapõe uma formulação "microfísica", que vê o poder em toda parte, ou seja, relações cotidianas entre os indivíduos: "o Estado é superestrutural em relação a toda uma série de relações de poder que passam através dos corpos, as sexualidade, da família, das atitudes, dos saberes, das técnicas..."



corpo foi muito rígido, a medicina querendo controlar as doenças e a psiquiatria querendo controlar desejos e impulsos sexuais chamando de doenças psíquicas, levando os indivíduos aos hospitais e sanatórios para tratar com medicamentos.

Michel Foucault mostra em sua crítica ao marxismo que o poder não está só nas relações das grandes forças de domínio, como o estado e o mercado, mas ele apresenta que essa força de controle também está nas nossas pequenas relações, isto ele mostra quando se passa para a esfera da família, da psiquiatria, da medicina, do exército e da escola, mostrando que estes locais são lugares de disciplina, onde é exercido um tipo de poder que está dentro de uma relação de poder.

A partir desta força de controle dos poderes tanto dos macro-poderes quanto os micro -poderes, se percebe que um sustenta o outro, como é uma relação de saber – poder, estas relações se sustentam a partir da compreensão desta relação.

Vejamos que toda essa compreensão do poder está totalmente ligada na modernidade ao capitalismo, o poder não surgiu para reprimir o desejo sexual, mas como o seu principal objetivo é crescer economicamente, ele se utiliza da relação de poder não reprimindo, mas controlando a massa, para melhor aproveitar a força trabalhista.

Não há constituição de subjetividade sem relações de poder. É o poder que constitui os sujeitos, nós somos constituídos pelas relações de poder, pelos quais passamos e estivemos submetidos em nossa trajetória de vida. Todas as nossas relações estão envolvidas de poder, nada escapam ao controle do poder, todos queremos exercer o poder sobre algo ou alguém, tudo isso ser com um processo histórico que foi se moldando com o desenvolvimento da técnica e as mudanças dos conceitos éticos.

O corpo, a sexualidade e o sexo passaram por processo de mudanças que foram vistos como evolução de construção, onde a força braçal começa a dar espaço às máquinas que substituem a força do homem, dando agilidade na produção, tendo em vista que a medicina e a psiquiatria vão se responsabilizar em controlar essa força sexual, dando ao homem controle para melhor gastar suas forças no trabalho, tudo isso sempre ligado a manutenção da sociedade industrial e capitalista.

Aqui vemos que a questão não é ética, mas uma questão econômica. O mundo que começa a expandir o seu horizonte de produção com a nova tecnologia das indústrias, que torna o “[...] corpo força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico do poder disciplinar”(FOUCAULT,1984,p.XVII)



que isola as pessoas para que o domínio de suas forças seja mais fácil de ser controlado e manipulados para se adequar à força de trabalho que o sistema político deseja.

Podemos concluir que toda esta relação de poder e controle tem como objetivo central não reprimir a massa, mas fazer com que o poder relacional entre eles sustente o poder dominador da economia, a partir do momento em que nas pequenas relações tem-se esta consciência que eu posso controlar o que está dentro da minha casa, será fácil controlar a massa maior, pois isto faz parte do cotidiano e da vida.

Esta relação de poder e corpo está imbuída de controle. Atualizando esta relação de controle da sexualidade moderna, percebe-se que antes a força que se exigia para o crescimento da economia que era a força braçal, hoje esta força não é, mais necessária ser a braçal, mas sim a expressão sexual que virou produto para manter a economia sempre crescente. Nós percebemos isto nas propagandas atuais de cervejas, postos de gasolina e mais atual os aplicativos de andróide que usam o corpo como objeto de técnico de consumo.

Portanto podemos ver que a relação entre corpo e poder foge, muito da compreensão ética. O poder se utiliza do corpo enquanto máquina produtora de economia, sem preocupar-se com a dignidade que tem o ser humano, sem saber se está explorando ou escravizando, o que importa é o quando este corpo pode produzir e até quanto ele pode render, torna os seres humanos meros produtores de um capitalismo que só resulta em individualismo e exploração.



## CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada, em busca de aprofundar o pensamento de Michel Foucault visando trazer as suas ideias para a realidade moderna, nos deparamos com inúmeras mudanças que acontecem na sociedade e principalmente no modo de se pensar a sexualidade. Em nossa pesquisa percebemos que no período moderno não se vive uma repressão da sexualidade, mas uma transformação eficiente dos dispositivos de controle.

Percebemos que no período grego antigo a reflexão que se fazia sobre a sexualidade tinha como principal fundamentação a reflexão dos valores éticos e morais. Visto que a diferença entre a sociedade grega e a moderna é que, enquanto os gregos preocupavam-se com a reflexão moral e ética no âmbito das virtudes tendo a temperança como uma virtude que regula a força dos apetites sexuais, na sociedade moderna a grande questão da sexualidade sofre o impacto de uma sociedade que começava a se organizar, tendo como centro regulador a economia.

Este trabalho monográfico tem como finalidade mostrar que a sexualidade moderna sofreu, segundo Michel Foucault, o impacto das transformações econômicas na sociedade moderna, mudanças essas que perpassaram os mais diversos campos da vida humana, inclusive a vida sexual. O processo de reconstrução da sexualidade partia de dispositivos que na nova sociedade estabeleciam-se em torno da tecnologia nascente, que era pela força da máquina.

Outros dispositivos também surgem para ajudar no controle da expressão sexual, tais como: a medicina e a psiquiatria. Estas que começam a tomar força com os avanços de seus estudos e métodos, sendo a sexualidade a sua cobaia. Não podendo esquecer de uma grande força de controle da sexualidade tanto no período medieval como em três grandes séculos que antecederam à modernidade, o cristianismo com a criação da pastoral cristã, foi um grande dispositivo de domínio da sexualidade.

Desde a antiguidade grega até os nossos dias, a sexualidade foi vivida e controlada de todas as formas nas diferentes culturas. A história da sexualidade de Foucault quer mostrar que com o processo de transição de um tempo para o outro o mundo foi criando formas, dispositivos, necessidades, ambições, conceitos, para se ter controle da vida, fugindo até se necessário da ética; isto é visto no avanço da tecnologia nos dias atuais. Nosso autor fez seu estudo a partir do seu tempo, do século XX, século da nascente inversão dos valores éticos e da industrialização das relações.



Portanto agora no século XXI é palpável ver como as relações de poder escravizam o controle do corpo. Passamos do processo de relações macro, para relações micro referente ao uso do corpo, a partir do momento que os dispositivos que comercializam o corpo fogem da regra da ética. Vemos isto a partir do momento em o corpo se torna uma indústria do comércio, sendo um agente que sustenta a economia. Isto se deu quando o capitalismo fadado de sua rotina, agora para se refazer se utiliza do corpo fazendo da sexualidade uma mercadoria, com isto na sociedade atual as relações passaram de relações recíproca para relações vazias e sem temperança.

Podemos concluir dizendo que não somos uma sociedade livre com relação a sexualidade, mas somos controlados por dispositivos que tornam a sexualidade uma técnica de sustentação da economia tais como: a forma de comercialização do corpo, aplicativos que vendem sexo e relações sexuais como normais e totalmente sem sentido afetivo e sem respeito pelo outro.



## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 15 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017. (Coleção biblioteca de filosofia e história das ciências)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984

PLATÃO. **Diálogos**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores.)

PLOTINO. **Do amor: Enéada III. 5**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: EDIPO, 2015.

PLUTARCO. **Diálogo do amor**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2015. (Coleção a obra-prima de cada autor)

ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. **Dicionário de filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.